
V CBEO - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

VELHICE E TRABALHO RURAIS NO MÉDIO VALE DO JEQUITINHONHA-MG: ELEMENTOS DE
UMA CARTOGRAFIA EM CONSTRUÇÃO

Raquel de Oliveira Barreto (UFMG; IFNMG) - prof.raquel.barreto@gmail.com

Doutoranda em Administração pela UFMG; Professora do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Campus Araçuaí.

Contextualização

Este texto é parte de uma tese de doutorado que objetiva discutir os modos de ser da velhice e do trabalho rurais no médio Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Trata-se de uma pesquisa que caminha para os seus contornos finais, em um processo de negociação de sentidos com os participantes, de modo a construir – ainda que provisoriamente – conhecimento acerca de como eles vivem, trabalham e, principalmente, significam *o ser velho* no território em que se encontram. Mas quem são esses participantes? Velhos que vivem e trabalham no campo, em comunidades rurais pertencentes ao município de Araçuaí, localizado no médio Vale do Jequitinhonha. O Vale do Jequitinhonha é uma região do estado de Minas Gerais marcada por amplos contrastes sociais, econômicos e paisagísticos, sendo frequentemente rotulada como o “Vale da miséria”. Indo de encontro a essa percepção, alguns trabalhos científicos (NASCIMENTO, 2008; ITABORAHY; DINIZ, 2015) têm buscado ressaltar a riqueza de sua produção cultural popular, folclórica e religiosa, buscando problematizar esse estereótipo que consideram ser uma visão preconceituosa em relação ao território e sua população.

A tese defendida nesse trabalho doutoral é a de que existem formas particulares de vivência da velhice em diferentes territórios. Nesse sentido, a velhice seria inerentemente rizomática - múltipla, diversa, potente – sendo o trabalho uma linha fundamental desse rizoma, que se apresenta ora de forma dura e estratificada, ora como linha de fuga para invenção e resistência. Nesse sentido, refuta-se qualquer tentativa de homogeneização e de redução das diferenças quando se trata do tema da velhice – processo muitas vezes observado, por exemplo, no desenho de políticas públicas e nas definições de uma ‘velhice ideal’ capitalista. Para essa discussão, dialogamos intensamente com os autores Deleuze e Guatarri (1995; 1997; 2011), circunscritos ao que se pode denominar de Filosofia da Diferença (PETERS, 2000) e Esquizoanálise (DELEUZE, GUATARRI, 2011), destacando o conceito de rizoma como possibilidade de desenvolvimento teórico dentro do campo dos Estudos Organizacionais.

Especialmente para este texto em que buscamos participar das discussões do GT07 “Diálogos sobre o trabalho”, trazemos resultados parciais referentes a um dos objetivos específicos da tese, a saber: Mapear o lugar do trabalho no **rizoma velhice**. Dito de outro modo, neste processo de produção de subjetividades associadas à velhice rural, **que força e intensidades (sentidos) têm o trabalho?** A fim de produzir esses dados¹ optamos pela construção de uma cartografia, cujo objetivo foi mapear o território em busca de suas linhas, intensidades e forças, indo ao encontro do que explicita Rolnik (2016, p.23) ao dizer que a “tarefa do cartógrafo (é) dar língua para afetos que pedem passagem”.

Tal processo de produção de dados, neste momento em sua fase conclusiva, consistiu em uma intensa experiência de vivência do território que envolveu não apenas velhos trabalhadores rurais e suas narrativas biográficas, mas outros atores que pudessem contribuir para esse mapeamento dinâmico e processual: representantes institucionais

¹ A cartografia, tal como realizamos nesse trabalho, tem como pressuposto teórico-epistemológico que a pesquisa consiste em uma produção da realidade (ROLNIK, 2016), distanciando-se de perspectivas tradicionais que concebem o real como dado que é apenas acessado pelo pesquisador. Para aprofundar no tema da cartografia ver KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, V. (Org.). *Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 131-149.

(Prefeitura Municipal; Centros de Referência de Assistência Social – CRAS e Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS; Unidades Básicas de Saúde) e representantes de instituições da sociedade civil e religiosas (Sindicato dos Trabalhadores Rurais; Cáritas Diocesana, Ação Social Santo Antônio², CPCD³ e Associação Comunitária e Infantil de Araçuaí - Associar). Essas múltiplas vozes contribuem para essa construção polifônica (BAHKTIN, 1990) do território bem como do próprio texto da pesquisa.

Lançando algumas bases para a discussão

Como explicitado anteriormente, a tese a partir da qual estamos extraindo a discussão desse texto pauta-se em um entendimento particular da vida como um emaranhado de forças, formas e intensidades (DELEUZE, GUATTARI, 1995). Tal entendimento é amplamente discutido pelos autores Deleuze e Guattari dentro de uma perspectiva de pensamento conhecida como Filosofia da Diferença. Para os autores, o mundo seria pura diferença (MACHADO, 2009), o que inviabiliza qualquer forma de pensamento ou mesmo de vida que opere via criação de modelos ou categorias homogeneizantes. Nesse sentido, consiste em um modo de pensar que se contrapõe a lógica da representação característica da tradição platônica que, ao fixar-se na busca de uma essência das coisas valoriza a representação e a identidade. Para os filósofos da diferença, a identidade é uma mera convenção que nos permite a prática cotidiana da vida. Entretanto, se levada a cabo como *status* constitutivo das coisas (as coisas como elas são) torna-se uma forma de opressão que busca eliminar as diferenças. Em contrapartida, advoga-se por um pensamento que reconheça a complexidade inerente à vida e às suas relações.

Tal complexidade se faz evidente por meio do conceito de rizoma, cunhado por Deleuze e Guattari na abertura da obra “Mil Platôs”, publicada em 1980. Trata-se de um conceito inspirado na botânica, remetendo a um caule subterrâneo que se desenvolve de forma múltipla e desordenada, sem um eixo central. Tal estrutura é antagônica ao modelo arbóreo tradicional, cuja raiz possui um centro bem definido a partir do qual todas as ramificações são originadas. Como forma de pensamento, os autores propõem essa imagem-rizoma composta por múltiplas forças e linhas, em constante interação. São três os tipos de linhas que compõem o rizoma, a saber: as linhas duras, que remetem à natureza do instituído, ou seja, referem-se às forças rígidas que demarcam formas estratificadas de fácil apreensão como o ser mulher/ser homem; ser novo/ser velho. As linhas flexíveis, como o próprio nome sinaliza, apresentam como característica uma maior flexibilidade, assumindo modificações a partir do agenciamento (encontros) com outras forças e linhas. Já as linhas de fuga, essas são forças potentes, àquelas que conseguem escapar ao instituído rumo ao novo e à invenção (DELEUZE, GUATTARI, 1995; GODINHO, 2007). Em uma leitura da sociedade contemporânea, identificamos a presença opressiva das linhas duras, que classificam, separam e segregam.

Mas como se dá a operação da realidade por meio dessas linhas? De modo sintético, a realidade, segundo os autores, possuem duas formas de funcionamento coexistentes e justapostas (SCHOPKE, 2004). Tais modos correspondem a planos, o primeiro seria o

² A ação social Santo Antônio é uma instituição que, dentre outras atividades atua como uma instituição de longa permanência para idosos na cidade de Araçuaí – MG.

³ É uma organização do terceiro setor, sem fins lucrativos, que atua na área de desenvolvimento comunitário, educação e cultura.

plano de organização, e o segundo, o plano de imanência. Enquanto o primeiro plano seria justamente aquele caracterizado pelos modelos (transcendência), estratos, formas e territórios, o segundo seria o plano das forças, das intensidades e da pura diferença. Como explicitado, esses dois planos coexistem e estão em constante interação, principalmente via a conexão das forças que corresponde aos agenciamentos. São os agenciamentos que possibilitam que essas forças se transformem e se deslocem, criando outras formas (congelando em novos estratos) ou abrindo espaços para o novo e para o diferente (linhas de fuga). Mais uma vez, essa leitura nos permite discutir sobre o quanto somos limitados ao plano de organização na contemporaneidade, levados a conceber modelos e a definir identidades superiores, como é o caso do *ser jovem* como superior ao *ser velho*.

Retomando o conceito de rizoma como um emaranhado de linhas (ou fluxo de forças) em constante movimento, concebemos uma realidade marcada pela multiplicidade e pela complexidade (SOUZA, 2012). E como esse conceito pode nos ser útil em nossa leitura acerca da velhice rural no médio Vale do Jequitinhonha? Propusemo-nos então a pensar **a velhice como um rizoma**. Nesse sentido, abrimos espaço para a reflexão de quais são as linhas que compõem o rizoma velhice nesse território, uma vez que leituras contemporâneas desse fenômeno tendem a criar modelos totalizantes que desconsideram, a nosso ver, a pluralidade de experiências do envelhecer. Vamos explorar esse argumento trazendo para a discussão uma das categorias recentes, associadas à velhice, amplamente disseminada e valorizada: a chamada Terceira Idade ou Melhor Idade. Essas categorias fazem parte de um movimento que visa difundir uma visão positiva sobre a velhice, destacando aspectos como o resgate do vigor físico, cuidado com a aparência, a realização de sonhos, dentre outros.

A primeira questão trazida por pesquisadoras da temática como Debert (1999) e Tótora (2013) pode ser traduzida da seguinte forma: esse envelhecimento positivo é uma realidade comum a todos os velhos? Em quais valores esse discurso se pauta? Discute-se justamente que essas novas categorias são fortemente associadas ao universo do consumo e pretendem evidenciar o quanto a vivência da velhice pode ser valorizada. Uma ampla rede de produtos e serviços é então colocada à disposição dos idosos para reconquistarem, contraditoriamente, a tão desejada juventude perdida. Nesse contexto, a expressão *envelhecer com qualidade de vida* é ouvida e replicada incessantemente, tornando-se um lugar-comum por vezes esvaziado de sentido (DEBERT, 1999; TÓTORA, 2013). A concepção compartilhada nesta pesquisa e bem explicitada por Tótora (2008, p. 26) é de que "A velhice não é uma essência substantiva, desvinculada de sua produção histórica e cultural". E, nesse sentido, esse movimento deve ser contextualizado em um sistema de produção específico, capitalista, que carrega consigo uma máquina produtora de subjetividades (GUATARRI; ROLNIK, 2005).

Ao mesmo tempo em que essa perspectiva positiva e defendida, percebe-se claramente sua transformação em um problema social contemporâneo (DEBERT, 1994; TÓTORA, 2008). Tal *status* é legitimado por meio de números e estatísticas que justificam e, mais do que isso, colocam como imperativa a necessidade de se fazer algo sobre a velhice, gerenciá-la. Debert (1992) alerta para esse processo que ela denomina de "[...] socialização progressiva da gestão da velhice" (p. 33) em que ao deixar de ser uma questão pertencente apenas à esfera familiar, a velhice torna-se objeto do poder público e das organizações privadas. Tótora (2008) coaduna com essa visão discutindo a percepção vigente dos idosos como um grupo de risco, em que se deseja afastar o

adoecimento e a morte. Nesse esteio, vários são os questionamentos que emergem acerca dos impactos dessa realidade nos mais diferentes âmbitos: sistemas de saúde e de seguridade social, mercado de trabalho, assistência social, novas necessidades de consumo, dentre outros.

Em suma, o que essas discussões evidenciam é que o *ser velho* na sociedade contemporânea é um espaço de embates e forças diversas. E neste processo de produção de subjetividades associadas à velhice, que força tem o trabalho? O sistema capitalista de produção oferece constantemente modelos a serem seguidos pelos sujeitos assim como exerce uma função segregadora e disciplinar (GUATARRI; ROLNIK, 2005; FOUCAULT, 1986, 1992). O trabalho nesse contexto aparece como valor, associado à produtividade e à localização do sujeito na estrutura social. Inúmeros estudos, de diferentes bases teórico-epistemológicas, discutem o adoecimento físico e mental das pessoas desempregadas destacando, justamente, os impactos dessa condição na sociedade contemporânea. Nesse mesmo sentido pesquisadores buscaram compreender os efeitos da aposentadoria na vida dos sujeitos e da mesma forma apontam, em sua maioria, dificuldades e sofrimentos que se estendem aos membros da família. De uma forma geral, as pesquisas convergem ao concluir sobre a centralidade do trabalho nesse sistema produtivo.

Conforme sinalizamos, partimos então do desenvolvimento teórico da velhice como um rizoma, com múltiplas forças e linhas, que se configura em determinado território, cuja composição é complexa: são fatores sociais, econômicos, culturais, animais, tecnológicos, históricos, psíquicos, dentre tantos outros. Trata-se, portanto, de uma complexidade de forças e elementos que a todo o momento se cruzam, constroem e se transformam. Retomando o objetivo desse texto em específico: que papel tem o trabalho nessa trama rizomática da velhice? A partir da cartografia empreendida no território, nos dedicaremos a seguir a apresentar os primeiros apontamentos sobre essa questão.

Cartografando a velhice rural no médio Vale do Jequitinhonha: qual a força da linha-trabalho?

A construção da cartografia, cujos resultados parciais aqui apresentamos, foi uma experiência extremamente rica de produção de conhecimento. Nesse momento, selecionamos elementos que nos permitem dizer sobre o papel do trabalho na vida dos velhos agricultores. Esses elementos emergiram nas narrativas biográficas dos participantes, nas entrevistas com os demais atores institucionais, assim como nas conversas com os membros das organizações da sociedade civil e religiosas. Como é característico da produção de uma cartografia, a análise dos dados não segue um modelo específico e rígido, mas busca evidenciar as linhas e intensidades que se fazem presentes e geraram afetamentos na experiência do território. Sintetizamos esses sentidos nos tópicos a seguir.

O trabalho como inseparável da vida. Ao narrar suas biografias os velhos mencionam o trabalho associado às suas primeiras lembranças da infância e da vida no campo. O trabalho, nesse sentido, é colocado como parte fundamental da vida rural, pois lidar com a terra e com os animais é algo que eles são apresentados desde os primeiros anos de vida. Nesse sentido, na perspectiva desses velhos, não há vida no campo sem trabalho.

A aposentadoria como liberdade. Um dos aspectos mais expressivos que emergiram sobre o trabalho dos velhos camponeses refere-se à noção de aposentadoria como liberdade. Entretanto, distanciando-se da noção da liberdade como oportunidade para desenvolver outras atividades (ou mesmo de viver o ócio), a liberdade para esses velhos associa-se à segurança financeira. Os relatos emocionados de perdas de plantações em função da falta de água e a falta de recursos financeiros para sobreviver, apontam para a aposentadoria como a conquista de um nível de tranquilidade antes nunca vivenciado. Tranquilidade para poder continuar lidando com a terra e com os animais, tranquilidade para continuar trabalhando.

O trabalho como alimento para permanecer vivo. Nas narrativas sobre a experiência de tornarem-se velhos nesse território, os participantes dizem terem sentido o “peso” da idade principalmente no enfraquecimento do corpo, instrumento fundamental empregado no trabalho cotidiano. Entretanto, mesmo com o enfraquecimento e as limitações que impossibilitam a realização das mesmas atividades, não lhes parece concebível parar de trabalhar. Com uma rotina definida, eles permanecem em movimento, seja no cuidado de hortas, pequenas plantações e criação de animais, seja na produção de artesanatos e no cuidado da casa.

Esses três sentidos inicialmente levantados nos trazem elementos para discutir sobre a especificidade do trabalho para velhos rurais. Um trabalho que não pode ser dissociado da vida no campo e que lhes traz muito orgulho, ao mesmo tempo em que é marcado por desgaste físico, por muitas lutas em função da ausência de estrutura básica (água, energia e transporte) e de suporte do poder público. Retomando a perspectiva da velhice como rizoma, pensamos no trabalho como uma força vital constitutiva do modo ser velho naquele território. Parece-nos legítimo dizer que *ser velho* no campo implica em modos de vida que tem no trabalho a força central, mas não um trabalho em termos produtivos como tradicionalmente conhecemos no sistema capitalista de produção, mas como fonte de vida, de manter-se em relação com o mundo, com a natureza e com a comunidade em que está inserido.

Como dissemos, trata-se de elementos iniciais de uma cartografia em andamento. Compreender diferentes realidades e a complexidade que marca cada uma delas pode nos ajudar, enquanto teóricos do campo de Estudos Organizacionais, a desenvolver conhecimentos que sejam da mesma forma múltiplos e complexos. Mais do que isso, nos convida a assumirmos o caráter político dessas discussões, em busca de projetos que tragam consigo um potencial emancipatório. Um exemplo desse posicionamento é a recente discussão governamental de alterações na idade mínima para a aposentadoria de trabalhadores rurais. Quais os impactos dessa mudança para esses trabalhadores? Quais as especificidades que marcam o trabalho rural e, ainda, a velhice rural? Muito ainda precisa ser discutido e esperamos, com esse estudo, dar a nossa contribuição.

Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1990.

DEBERT, G. G. Família, Classe Social e Etnicidade: Um Balanço da Bibliografia sobre a Experiência de Envelhecimento. *Revista BIB*, Rio de Janeiro, n. 33, 1.º Semestre de 1992, pp. 33-49.

_____. Antropologia e Envelhecimento. 2a.ed. CAMPINAS: IFCH/UNICAMP, v. 700. 118p, 1994.

_____. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP, 1999.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. 2 ed. São Paulo: Editora34, 1995.

_____. *O que é a filosofia?* 2ªed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

_____. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. 2ªed. Tradução Luiz B. L. Orlandi. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. *Microfísica do Poder*. 10 ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. 9ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GODINHO, A. *Linhas de Estilo: estética e ontologia em Gilles Deleuze*. Lisboa: Relógio D'Água, 2007.

ITABORAHY, N. Z; DINIZ, R. F. Compreender para Servir: experiências da pesquisa participante no trabalho de campo em comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brazil. *Revista Inter espaço*, v.1, n.2, p. 109-136, jul./dez. 2015.

KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, V. (Org.). *Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 131-149.

MACHADO, R. *Deleuze, a Arte e a Filosofia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2009, 344p.

NASCIMENTO, E. C. Vale do Jequitinhonha: Entre a carência social e a riqueza cultural. *Revista de artes e humanidades*, Nº4, Maio/Outubro de 2009.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2a edição. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2016.

SOUZA, R, M. Rizoma deleuze-guattariano: representação, conceito e algumas aproximações com a educação. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Número 18: maio-out/2012, p. 234-259.

SCHOPKE, R. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*. Rio de Janeiro/São Paulo: Contraponto/Edusp, 2004.

TÓTORA, S. Ética da vida e o envelhecimento. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. (Org). Envelhecimento e velhice: um guia para a vida. São Paulo: Vetor, 2006. p. 26-47.

_____, S. Apontamentos para uma ética do envelhecimento. Revista Kairós, São Paulo, v. 11, n.1, p. 21-38, 2008.

_____. Genealogia da velhice. In: XXVII Simpósio Nacional de História. Anais... Natal: 2013.